

Paraísos: infernos brasileiros

Prof. Dr. José CASTRILLON¹ (UNEB)

Resumo:

A partir do Empíreo e do Éden, a humanidade produz seus paraísos. Com o Humanismo, o Iluminismo e a laicização do século XIX, passa-se a procurar o céu na terra e muitos são os que se empenham em vender esse sonho. No século XX, o positivismo cientificista e seu progresso não conduziram a refrigério algum. As duas guerras mundiais e a guerra fria deram um tom plúmbeo à época. Se houve alguma esperança nos anos sessenta e setenta, contemporaneamente o racionalismo econômico e a luta por mercados competitivos estabeleceram diretrizes incontornáveis. Esse contexto cria um ambiente favorável a discursos que corroem a imagem ufanista do Brasil paradisíaco. Por razões históricas e urbanísticas o bairro de Copacabana se presta a ilustrar esse percurso. É esse processo que investigamos em Ô Copacabana!, reportagem lírica de João Antônio e na telenovela Paraíso Tropical, cujo autor principal é Gilberto Braga.

Palavras-chave: paraíso, Copacabana, João Antônio, Gilberto Braga.

Introdução

Compreendidas no âmbito da literatura portuguesa quinhentista, que refletia as glórias expansionistas do império português, as primeiras representações da natureza brasileira, como a de Caminha, informavam-se no imaginário quinhentista. Sondando as bases dessa cosmovisão, observa-se que, ainda após as viagens de Marco Polo, a cartografia permanecera condicionada pela autoridade de um esquema geográfico elaborado por monges medievais. Nele situava-se ao centro Jerusalém e nos confins a terra *incognita sive arenosa*. Esta disposição do planisfério perpetuava o teocentrismo da cultura judaico-cristã e estava fundamentada em interpretações de textos bíblicos. As terras longínquas, a respeito das quais se tinha escassa informação, eram vistas com desconfiança (cf. Hart, 1992).

Com o ciclo das grandes navegações, territórios asiáticos, africanos e americanos incorporaram-se à hegemonia das potências marítimas européias. É neste enquadramento que se insere a política expansionista de Portugal:

As vitórias obtidas contra os mouros e castelhanos que nele (*Os lusíadas*) se cantam são sobretudo a condição e o acréscimo de confiança que tornam possíveis a luta e a vitória na devassa do *Tenebroso* e na sujeição do Mundo à hegemonia da civilização mais progressiva. (CIDADE, 1957. P.105)

As primeiras experiências literárias no Brasil filiavam-se, portanto, ao complexo ideológico da expansão ultramarina portuguesa. A panegirística *Prosopopéia* de Bento Teixeira, por exemplo, em inspiração camoniana, cumpria a função de “incorporar o Brasil ao quadro consagrador da celebração épica” (Holanda, 1991. p.15).

Ao tratar de um momento um pouco posterior, no início da formação da sociedade colonial brasileira, Sérgio Buarque de Holanda identifica no trabalhador e no aventureiro, os dois colonizadores arquetípicos em atividade nas Américas. Ao Norte da América, os previdentes puritanos, com forte ideal de coletividade, eram trabalhadores. Na América Latina, os conquistadores ibéricos, corajosos, individualistas, ávidos por lucros imediatos, eram aventureiros. Sob o ponto de vista destes últimos, a América significava enriquecimento rápido e uma postura predatória fazia-se necessária. A vastidão do espaço americano e a total ausência de fiscalização no interior facilitavam esse objetivo. (Holanda, 1979. p. 13)

Desde o início, observa-se que o modelo de geração de riquezas na colônia concebia a relação com a terra como de usufruto e não como de posse ou senhorio e os textos de informação correspondem a esta necessidade dos portugueses adventícios.

Regina Zilberman nota que à medida em que a filiação ao imaginário medieval arrefece, essa literatura, ao fazer o rol das riquezas encontráveis nas Américas, acompanha a voga do capitalismo financeiro:

A nova imagem convém aos europeus transferidos ao continente para extrair suas riquezas. Mas converte-se na forma de a colônia se expressar e de, por realizar um anseio, revelar-se desejável, atraente, digna dos que a possuem. Sua força aumenta, a ponto de contaminar outras expressões. Transita da prosa para a poesia, aparecendo, no século XVIII, em versos que louvam a paisagem circundante e destacam sua abundância e lucratividade. (ZILBERMAN, 1993. p.15)

Paralelamente a esta dimensão, que não pode prescindir do contato efetivo com o espaço físico brasileiro, um denso pano de fundo mítico também interfere na compreensão da literatura das descobertas. A cultura europeia, a partir de tempos remotos, vinha variamente dando forma a paraísos, desde a clássica Idade do Ouro ovidiana ao Paraíso Terrestre, que, uma vez posto a perder por Adão, podia talvez manter-se milagrosamente na longínqua América, livre do peso do pecado original (cf. Holanda, 1994. p. 187-189). Este motivo surge nas literaturas ibéricas do período e fica registrado na obra de Anchieta, Manuel da Nóbrega, Fernão Cardim e Pero de Magalhães Gandavo. (Zilberman, op.cit. p. 10)

Soma-se a estas influências a utopia renascentista da elaboração de uma cultura livre, sem os vícios e a decadência do Velho Mundo. Aliás, é em oposição a este termo que se forja a expressão **Novo Mundo**, novo no sentido de ter, em seu surpreendente achamento, posto em xeque a geografia ptolemaica. Além disso, as novas terras pareciam ser perenemente renováveis, como atestava a contínua e verde primavera tropical (Holanda, 1994. p. 210).

Numa etapa posterior, a visão mais prosaica, originada pela praticidade do reinol que se estabelecera no Brasil para fazer fortuna, detectará o proveito econômico daquela eterna viridente primavera, prevendo o sucesso da atividade agrícola:

A umidade de que gozam todas as terras do Brasil a faz ser tão frutífera no produzir(...) porque a terra é disposta para se haver de fazer nela todas as agriculturas do mundo, pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons céus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares e outros mil atributos que se lhe ajuntam (BRANDÃO, 1966. p. 1-8).

Nestas crônicas começavam a delinear-se algumas linhas de força quanto ao tratamento dado à natureza brasileira por historiógrafos, pintores e poetas. Sérgio Buarque de Holanda afirma que é neste período que surgirá a “fórmula descritiva que tão longamente iria seduzir aos nossos poetas” (Holanda, 1991. p.56)

Outro momento particularmente importante para a definição de arquétipos da natureza brasileira foi o Romantismo. Pela leitura da produção dos poetas românticos depreende-se que essa preocupação assumiu um caráter sistemático e programático. Investigar, propor, inventar as bases de nossa identidade era uma tarefa dos escritores, fazia-se isso sempre em associação à imponente natureza americana. Assim lavrava-se o registro do novo país que surgia e de seu povo. Havia uma pátria Brasileira a ser ficcionalizada e poeticamente criada. A idealização da natureza deveria corresponder à manifestação cósmica que só a visão privilegiada do poeta eleito podia lobrigar. Os motivos edênicos ressurgem, bafejados por cálida aragem.

Desde a crítica presente nas estéticas do final do século XIX, porém, a representação do Brasil como terra exclusivamente paradisíaca estava na berlinda. Havia um descompasso entre a imagem projetada e a realidade (Isso sempre há, não há remédio. Para dizer, muito modestamente como José

Saramago). Com o prestígio do darwinismo social, do determinismo e das teorias de eugenia, começa a ficar evidente que parte da população não se sentia à vontade com os pretos, pobres e mestiços de vários matizes. A alteridade, a imagem do outro, exercia um fascínio irresistível. Como demonstra a antropologia estruturalista, a noção de identidade se revela no contraste e no confronto. Nós, brasileiros, seríamos o que o outro não é. Mas no Brasil é diferente — aqui o estrangeiro deveria ser convertido em nós mesmos: nos ventres de nossas mulheres fecundados por homens brancos, acabaríamos parindo uma raça mais dinâmica, menos primitiva, cópia das civilizações desenvolvidas do Primeiro Mundo. Para recuperarmos nosso Éden, era necessário um aporte considerável de bom sangue branco europeu. Isso era impossível, mas assim não se pensava. Essa tentativa, cujos esforços foram efetivamente levados a cabo, aumentava a divisão entre os brasileiros e fomentava rancores e ressentimentos. As obras de Lima Barreto e de Euclides da Cunha são, a esse respeito, paradigmáticas.

Para Lima Barreto, o Brasil, “República da Bruzundanga”, seria uma sociedade atípica, movimentada pela ganância e pelo interesse por dinheiro. A atividade política no país tinha o mesmo objetivo, e descuidava dos interesses da sociedade em geral (cf. Sevcenko, 1983. p. 186-189). Aqui começa a ficar claro que, ao lado dos motivos edênicos, um enfezado inferno brasileiro começa a enraizar-se, em breve produziria frutos em larga escala.

A partir desse período, em que a desigualdade social do país se torna evidente, além de traço de identificação importante, haverá um esforço da *intelligentsia* para estudar o fenômeno. No campo literário examinar-se-á as representações dos negros e escravos, das mulheres oprimidas pelo patriarcalismo tradicional, dos pobres de toda sorte, do lumpesinato, dos suburbanos, dos que vivem nos grotões do interior abandonados à própria sorte e sem participar minimamente dos mecanismos de assistência social do Estado. Um importante foco de análise será tentar compreender a natureza do mecanismo, da dinâmica com que estes dois pólos se inter-relacionam. Este é o objetivo da presente análise.

João Antônio

Analisando os contos reunidos no volume *Malagueta, Perus e Bacanaço* Antonio Candido ali identifica uma tentativa de caráter iniciatório, como se o narrador, uma espécie de cicerone, oferecesse ao leitor um mundo novo, o mundo dos excluídos e da malandragem (Candido, 1999.p. 87). Também há por sua vez, embora só emergja raras vezes no texto, a representação de um paraíso social, que é o mundo das jetsetters, do champagne, da água de coco para cachorro, do tríplice. Com esses dois universos a conviverem em um espaço apertado, por conta do bairro estar entre as montanhas e o mar, esses mundos tendem a relacionar-se.

Nos contos deste livro (...) ele é um verdadeiro descobridor, ao desvendar o drama dos deserdados que fervilham no submundo; dos que vivem das lambujens da vida e ele traz com a força de sua arte ao nível da nossa consciência, isto é, a consciência dos que estão do lado favorável, o lado dos que excluem. (CANDIDO, 1999. p. 87)

Aqui configura-se uma zona de confluência, objeto da presente análise, o paraíso social, que dentre outras coisas se apropriou do paraíso físico americano, e os infernos sociais e urbanos. O confronto e as interações entre o mundo dos privilegiados e dos descamisados na obra do autor também é enfatizada por Fábio Lucas. São suas essas expressões: “combinação perfeita do popular com o refinamento”; “pacto da malandragem como forma de confronto com a ordem estabelecida”; “choque das personagens com o mundo convencional”. (LUCAS, 1999. p. 91-92) E, da mesma forma, em uma asserção mais precisa:

O que pontua a ficção de João Antônio é a autenticidade da linguagem com que lidam as personagens. Elas estão, quase sempre, transitando do centro para a periferia, ou vice-versa. Oscilam entre o mundo real e o utópico. Tudo para

conduzir o leitor ao choque de ambientes, aos contrastes de visões de mundo.
(LUCAS, 1999. p. 94)

João Antônio registra liricamente como o mundo dos marginais e malandros, ancorado em uma cultura arcaica, resiste às mudanças determinadas por um novo avanço capitalista. Isso pode relacionar-se à mudança antropológica que ocorria em nível mundial no Ocidente. Os valores da classe média passaram a identificar-se com uma ideologia hedonista, associada ao consumo e que se faz passar por libertária, tolerante e inclusiva, cujo modelo seria proveniente dos Estados Unidos. Os fenômenos a ela associados são a produção em larga escala de bens supérfluos, o consumismo compulsivo, a tirania da moda e o alcance universal da informação, cujo veículo principal era a televisão. Aos poucos que eventualmente tentassem resistir sobrecairia o peso da vergonha de ser diferente. (Pasolini, 1990, p.64) A consequência disso na literatura de João Antônio seria “a morte dos botequins e a vitória das lanchonetes, o abandono das sinucas ante a invasão dos video games”. (Lucas, op.cit., p. 97)

Ô Copacabana!

João Antônio realiza uma reportagem literária sobre o bairro. Ao início, reproduz ironicamente o discurso da Zona Sul do Rio de Janeiro como paraíso. Morar nela seria um privilégio. Orla atlântica das mais bonitas do mundo e os condomínios necessariamente os mais caros. O Rio vocacionado para ser o grande centro de lazer e turismo brasileiro, sede natural dos grandes eventos do cinema, da música e da cultura em geral. Mas há muito Copacabana deixou de ser um paraíso, a planificação urbana, ou sua falta, permitiu a proliferação dos conjugados e agora os pingentes não são exclusividade do subúrbio. Os cortiços estão por toda a parte e seu símbolo maior é o famigerado “200” da Barata Ribeiro. Os camelôs completam essa figuração na rua. Geograficamente, quase desprovida de verde, o bairro abriga várias favelas.

Culturalmente, Copacabana é marcada pela miscigenação e pelo cosmopolitismo. Assim como aceita, conhece e adere à cultura estrangeira, também é capaz de fazer-se presente culturalmente em outros países. A isso se refere ironicamente João Antônio ao relatar o caso do Pipi-Dog, grande invenção higiênica, cujo inteligente exemplo teria sido imitado por outros países.

Alguns acontecimentos do bairro dependem exatamente da mistura da população proveniente do subúrbio com a da Zona Sul. Assim, a falta de dinheiro dos adeptos da umbanda pode vir a prejudicar sensivelmente o brilho do *reveillon* nas areias de Copacabana. De modo semelhante, os encontros dos pobres de origem nordestina acontecem em uma das poucas praças do bairro, a Praça Serzedelo Correia, a Praça dos Paraibas. Para o autor, que subverte o discurso oficial da Cidade Maravilhosa, nesse eventos é que residiria a força efetiva do Rio como Capital cultural. O grande prodígio que Copacabana realizaria seria a liberdade do livre encontro de pessoas de todas as origens e de todas as classes sociais.

Essa característica de hibridismo também é importante no plano estético. Uma das passagens mais belas de **Ô Copacabana!** É um instantâneo registrado em uma área de confluência entre o asfalto e a favela:

Uma da manhã. Ou mais. No comecinho da Ladeira dos Tabajaras, para quem vem do morro e peça a Rua Siqueira Campos, um crioulo na madrugada carregando ao ombro uma bandeira enrolada do Flamengo ia que ia quieto, cabeça pendida, cansada nas pernas, mariolando.

O seu Mengo havia batido o Fluminense. À tarde e à noite, estes lados da cidade estiveram em festa, movimento e tropel. À uma da manhã, o crioulo de cabeça a arriada e bandeira ao ombro, ia bem cansado. Mas feito um guerreiro.

A iluminação fraca da rua o pegava mal e mal, tudo deserto e ele ia muito sozinho lá com o seu sonho. O queixo no peito. De repente, deve ter suspirado fundo antes,

e rasgou. Ele largou para ninguém um grito arrastado, vindo de dentro e que demorou, meio tristeza e desespero. Rindo, forrando, doendo, para ninguém:

— Mengo! (ANTÔNIO, 1978. p.35)

Ao caracterizar o bairro, João Antônio mostra-se bastante sensível à capacidade de proporcionar confluências. Em diversas passagens, porém, nota-se que ele não é um narrador impessoal. Coloca-se como simpatizante dos excluídos da Zona Sul e da classe média. Os pingentes, prostitutas e a arraia-miúda contam com uma dimensão de heroísmo e de lirismo, enquanto que os boas-vidas são sempre vistos de forma negativa. Para ele, contador de histórias, o burguês tem um quê de artificialismo, uma atenção aos bons costumes nefasta. Por isso ironiza e desautoriza o discurso por ela proferido: (...) “de que adianta os cronistas sofisticados da cidade, sabidos e badalados, escreverem que o remédio para o verão carioca é champanha francesa gelada (sic.) ao meio dia?” (Antônio, 1978. p. 40)

O narrador, de maneira clara, toma partido. A Zona Sul agiria sobre os que a ela aportam de modo prejudicial, abalando principalmente suas convicções e marcas culturais. Os nordestinos e suburbanos vulnerabilizam-se ante seu charme cosmopolita, moderno e liberalizante. Copacabana lhes dita regras. Aqui, assim eles o crêem, se saberia de fato vestir-se, comer, beber e divertir-se. Em pouco tempo esquecem-se e renegam a cultura originária. Retornar para o subúrbio seria o pior. A vida antiga que ali levavam julgam agora ser sem graça.

O subúrbio é longínquo, ele não quer mais nada com a Zona Norte, que não tem mar, nem camisetas coloridas, colares ou jipes abertos, sensação de liberdade. (Antônio, 1978. p. 44)

A atenção do narrador está voltada para a Copacabana que poucos querem ver. Do balneário paradisíaco há pouco. A ênfase recai sobre as histórias superficiais de porteiros, homossexuais, travestis da Galeria Alaska, paraíbas e prostitutas. Apesar de tudo, e o autor reconhece isso, Copacabana mantém algo de sua antiga aura. Mas não é tempo nem lugar de ilusões. A desconstrução da utopia do paraíso deve ser completa.

Forçoso reconhecer que, em poluição, ninguém nos negará um alto nível de imaginação diversificador. Com os nossos esgotos, poluímos a água do mar. Nossas máquinas da SURSAN e um genial plano de aterro modificaram a versão original de nossa praia. Não mais se pode ver, do calçadão, o beijo do mar na areia. Também, não estamos vivendo em nenhuma época de poesia inútil. (Antônio, 1978. p. 51)

Referências Bibliográficas

- [1] HART, Dietrich. Cina, “Monde Imaginaire” della letteratura europea. **Rivista di Letterature moderne e comparate**. Pisa, Pacini, n.2 ,1992.
- [2] CIDADE, Hernani. **O conceito de poesia como expressão da cultura**: sua evolução através das literaturas portuguesa e brasileira. 2 ed. Coimbra: Armenio Amado, 1957. p. 105...
- [3] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Capítulos de literatura colonial**. Antonio Candido (org.) São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 15.
- [4] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p.13.

- [5] ZILBERMAN, Regina. Uma imagem para o Brasil: natureza lucro e paraíso. **Brasil/Brazil**, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 9, p.10, 1993.
- [6] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 187-189
- [7] BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil**. 2. ed. Recife: Imprensa universitária, 1966. p. 1-8.
- [8] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 122-123.
- [9] CANDIDO, Antonio. Na noite enxovalhada. **Remate de males**, Campinas, SP, n.19, p.83-88, 1999.
- [10] LUCAS, Fábio. Reflexões sobre a prosa de João Antônio. **Remate de males**, Campinas, SP, n.19, p.89-103, 1999.
- [11] PASOLINI, Pier Paolo. **Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários**. São Paulo: Brasiliense, 1990. **Estudo sobre a revolução antropológica na Itália**
- [12] ANTÔNIO, João. **Ô Copacabana!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Autor(es)

ⁱ **José CASTRILLON, professor doutor**
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: jmtc@terra.com.br